



José Lopes da Silva

Consciência de Eternidade

 MENSAGEIRO
CATÓLICO

José Lopes da Silva

Consciência de Eternidade

CONSCIÊNCIA DE VIDA ETERNA

"PAI, a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o Deus único verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo" (Jo 17,3). "Deus, nosso Salvador ... quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade" (1 Tm 2,3-4). "Não há, debaixo do céu, outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos" (At 4,12), afora o nome de JESUS. (CIC)

INTRODUÇÃO

Objetivo: O presente estudo tem por objetivo apresentar os fundamentos da “Consciência de Vida Eterna” segundo a doutrina católica: tanto sobre a fé como sobre a moral, à luz do Concílio Vaticano II e do conjunto da Tradição da Igreja. Suas fontes principais são a Sagrada Escritura, os Santos Padres, a Liturgia e o Magistério da Igreja.

Em sua história, e até os dias de hoje, os homens têm expressado sua busca por Deus de múltiplas maneiras, por meio de suas crenças e de seus comportamentos religiosos (orações, sacrifícios, cultos, meditações etc.). Apesar das ambiguidades que essas formas de expressão podem comportar, elas são tão universais que o homem pode ser chamado de um ser religioso. Deus fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, fixando os tempos anteriormente determinados e os limites de seu habitat. Tudo isso para que o procurassem, deixando claro que não seria encontrado às apalpadelas, que não precisariam de esforço para encontrá-Lo, que Ele não está longe de cada um de nós. Pois nele vivemos, nos movemos e existimos (At 17,23-28). Mas essa "união íntima e vital com Deus" pode ser esquecida, ignorada e até rejeitada explicitamente pelo homem. Tais atitudes podem ter origens muito diversas: a revolta contra o mal no mundo, a ignorância ou a indiferença religiosa, as preocupações com as coisas do mundo e com as riquezas, o mau exemplo dos crentes, as correntes de pensamento hostis

à religião e, finalmente, essa atitude do homem pecador que, por medo, se esconde diante de Deus e foge diante do chamado Dele.

Ao adquirir consciência de vida eterna, o homem que procura a Deus descobre certas "vias" para aceder ao conhecimento de Deus. Como por exemplo, "provas da existência de Deus", não no sentido das provas que as ciências naturais buscam, mas no sentido de "argumentos convergentes e convincentes" que permitem chegar a verdadeiras certezas.

A consciência de vida eterna tem como ponto de partida a criação: o mundo material e a pessoa humana.

O mundo: Entra na consciência de vida eterna a partir do movimento e do devir, da contingência, da ordem e da beleza do mundo. Pode-se conhecer a Deus como origem e fim do universo.

São Paulo afirma a respeito dos pagãos: "O que se pode conhecer de Deus é manifesto entre eles, pois Deus lho revelou. Sua realidade invisível - seu eterno poder e sua divindade - tornou-se inteligível desde a criação do mundo através das criaturas" (Rm 1,19-20).

E Santo Agostinho: "Interroga a beleza da terra, interroga a beleza do mar, interroga a beleza do ar que se dilata e se difunde, interroga a beleza do céu... interroga todas estas realidades. Todas elas te respondem: olha-nos, somos belas. Sua beleza é um hino de louvor (confessio). Essas belezas sujeitas à mudança, quem as fez senão o Belo (Pulcher, pronuncie "púlquer"), não sujeito à mudança?"

O homem: Com sua abertura à verdade e à beleza, com seu senso do bem moral, com sua liberdade, a consciência de vida eterna leva o homem a aspirar ao infinito e à felicidade, o homem se interroga sobre a existência de Deus. Mediante tudo isso percebe sinais de sua alma espiritual. Como "semente de eternidade que leva dentro de si, irreduzível à só matéria" sua alma não pode ter origem senão em Deus.

A consciência de vida eterna leva o homem e o mundo à compreensão de que não têm em si mesmos nem seu princípio primeiro, nem seu fim último,

mas que participam do Ser em si, que é sem origem e sem fim. Assim por estas diversas "vias", o homem pode aceder ao conhecimento da existência de uma realidade que é a causa primeira e o fim último de tudo, "e que todos chamam Deus". A consciência de vida eterna faculta ao homem conhecer a existência de um Deus pessoal. Mas, para que o homem possa entrar em sua intimidade, Deus quis revelar-se ao homem e dar-lhe a graça de poder acolher essa revelação na fé. Contudo, as provas da existência de Deus podem dispor à fé e ajudar a ver que a fé não se opõe à razão humana.

A santa Igreja, nossa mãe, sustenta e ensina que Deus, princípio e fim de todas as coisas, pode ser conhecido com certeza pela luz natural da razão humana a partir das coisas criadas. O homem tem esta capacidade por ser criado "à imagem de Deus". Todavia, nas condições históricas em que se encontra, o homem enfrenta muitas dificuldades para conhecer a Deus apenas com a luz de sua razão, sendo imprescindível obter **consciência de vida eterna**:

Pois, embora a razão humana, absolutamente falando, possa chegar com suas forças e lume naturais ao conhecimento verdadeiro e certo de um Deus pessoal, que governa e protege o mundo com sua Providência, bem como chegar ao conhecimento da lei natural impressa pelo Criador em nossas almas, de fato, muitos são os obstáculos que impedem a mesma razão de usar eficazmente e com resultado desta sua capacidade natural.

Isso ocorre porque as verdades que se referem a Deus e às relações entre os homens e Deus são verdades que transcendem completamente a ordem das coisas sensíveis e, quando estas verdades atingem a vida prática e a regem, requerem do homem uma sólida consciência de vida eterna. A inteligência humana, na aquisição destas verdades, encontra dificuldades tanto por parte dos sentidos e da imaginação como por parte das más inclinações, provenientes do pecado original. Daí vemos que os homens, em tais questões, facilmente procuram persuadir-se de que seja falso ou ao menos duvidoso aquilo que não desejam que seja verdadeiro. Ora, o homem tem necessidade de ser iluminado pela revelação de Deus, não somente sobre o que ultrapassa

seu entendimento, mas também sobre "as verdades religiosas e morais que, de per si, não são inacessíveis à razão, a fim de que estas no estado atual do gênero humano possam ser conhecidas por todos sem dificuldade, com uma certeza firme e sem mistura de erro".

Ao defender a capacidade da razão humana de conhecer a Deus, a Igreja exprime sua confiança na possibilidade de falar de Deus a todos os homens e com todos os homens. Esta convicção está na base de seu diálogo com as outras religiões, com a filosofia e com as ciências, como também com os não-crentes e os ateus. Mas, falar com Deus é próprio de quem tem formada uma sólida consciência de vida eterna.

"Aproveu a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e tornar conhecido o mistério de sua vontade, pelo qual os homens, por intermédio de Cristo, Verbo feito carne, no Espírito Santo, têm acesso ao Pai e se tomam participantes da natureza divina. A consciência de vida eterna internaliza de tal modo o projeto divino da Revelação a realizar-se ao mesmo tempo "por ações e por palavras, intimamente ligadas entre si e que se iluminam mutuamente" que se compara a uma "pedagogia divina" peculiar: Deus comunica-se gradualmente com o homem, prepara-o por etapas a acolher a Revelação sobrenatural que faz de si mesmo e que vai culminar na Pessoa e na missão do Verbo encarnado, Jesus Cristo.

O AUTOR **JOSÉ LOPES DA SILVA**

É graduado em Teologia e pós-graduado em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco. É casado, pai de três filhos e avô de quatro netos. Publicou, em várias editoras, livros voltados a formação católica: *Religião e Religiosidade & Individualismo: A emergente autoajuda*; *Nova Era, Religião Universal e Nova Ordem Mundial*; *Pluralismo Religioso e Identidade Cristã*; *A Percepção Católica acerca do Final dos Tempos e Dízimo - Nossa Realidade: Implantação da Pastoral do Dízimo na Arquidiocese*. Ultimamente vem se dedicando a publicar livros de conteúdo específico, voltados para a formação e o fortalecimento da “Igreja Doméstica”. Para tanto criou o site “Mensageiro Católico”, onde dezenas de cursos teóricos e práticos estão sendo publicados.

SUMÁRIO

MÓDULO I - DEUSES E A ETERNIDADE	10
1.1 Um Deus, Três Pessoas	12
1.2 Deus, Morte e Ressurreição no AT.....	13
1.3 Jesus Cristo, Deus	14
1.4 Morte e Ressurreição no NT.....	16
MÓDULO II - A ALMA	18
2.1 A imortalidade da alma	19
2.2 Eternidade.....	21
2.3 Da ressurreição à Eternidade.....	23
MÓDULO III - A CONSCIÊNCIA DE SER IMORTAL	26
MÓDULO IV - ETERNIDADE E TEMPO EM SANTO AGOSTINHO	30
MÓDULO V - ETERNIDADE EM SÃO TOMÁS DE AQUINO	33
MÓDULO VI - ETERNIDADE SEGUNDO ALGUMAS CRENÇAS	35
6.1. Islã 35	
6.2. Judaísmo.....	36
6.3. Cristianismo	37
MÓDULO VII - A RESSURREIÇÃO: PRIMEIROS PAIS DA IGREJA	41
Mortalidade X Imortalidade:	41
MÓDULO VIII - PESQUISAS SOBRE A MORTE	45
8.1 O medo de morrer.....	45
8.2 Após a Morte.....	47
MÓDULO IX - O FUTURO UNIVERSAL NAS ESCRITURAS	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
CONCLUSÃO	57
REFERÊNCIAS	59



MÓDULO I - DEUSES E A ETERNIDADE

Para podermos iniciar um questionamento sobre o que ocorre após a morte, deve-se partir do ponto primordial, que é a figura de Deus.

Como Deus não é um só, abordaremos Suas Pessoas e o que cada uma Delas representa na vida do homem, quando se falar em ser imortal, viver na eternidade.

Nas Antigas Escrituras o nome do indivíduo designa o seu caráter e o nome de Deus é tão Sagrado que Ele proíbe terminantemente que Este seja pronunciado à toa: “Não pronunciarás em vão o nome de *Iahweh* teu Deus, porque *Iahweh* não deixará impune aquele que pronunciar em vão o seu nome.” (Êx.20,7).

Deus é representado na Bíblia de diversas maneiras sendo cada uma delas um atributo designativo do Seu Caráter:

- Luz (Sl 27,1), Abrigo (Sl 119,114), Leão (Is 31,4), Cordeiro (Is 53,7), Rocha (Dt 32,4), etc.

- Habilidades humanas: Guerreiro (Êx 15,3), Médico (Êx 15,26), Pastor (Sl 23,1), etc.

Estas referências antropomórficas são perceptíveis porque somos feitos às suas Imagens e Semelhanças (Gn 1,26), e assim atribuímos atos e emoções

humanos para então figurar Seu caráter: Deus enxerga (Gn 1,10), tem olfato (Gn 8,21), audição (Êx 2,24), é ciumento (Êx 20,5), sente ira (Sl 2,5), tristeza (Sl 78,40), etc.

As Escrituras ainda se utilizam de metáforas ao descrever as partes de Seu Corpo: Coração (Gn 6,6), Olhos (Sl 11,4), Boca (Dt 8,3), etc.

Deus é um Ser Independente: “Eu Sou o que Sou” (Êx 3,14). Ele é o Criador de todo o Universo, de criaturas das mais diversas espécies, gêneros e tipos. Deus não precisa do homem e de mais nada porque tudo é Dele, tudo Ele criou!

Deus é Imutável em tudo, em seu ser, em suas propostas, em seus desígnios e contextos, porém também sente emoções e age em conformidade com as emoções que está sentindo, assim como age conforme os sentimentos verdadeiros do homem, que é um fato que remete diretamente à Sua Misericórdia, Ele é capaz de perdoar ao homem até o mais vil pecado cometido, contanto que o homem se arrependa sinceramente do fundo da alma e do fundo do coração do que tenha feito.

A Bíblia diz que Deus é Infinito e Pessoal, ou seja, não há mudanças em seu ser, propósitos e promessas, e também se relaciona com os humanos.

Mas é importante salientar que muitas vezes Deus interfere diretamente, seja para o castigo, seja para Misericórdia assim como se utiliza do homem para levar sua mensagem e dos eventos físicos criados por Ele para realizar milagres.

Como exemplo, cita-se o Mar Vermelho, cujas atividades vulcânicas e terremotos podem ocasionar a separação entre duas placas continentais, abrindo o mar como paredes laterais.

Deus não precisa inventar, Deus se utiliza de Sua invenção, qualquer que seja ela, para produzir o que quer que seja.

Quanto à Eternidade Deus é causa primeira, a própria Física não se contradiz quanto ao fato de as forças agirem aos pares: “ação e reação”. E assim a Física nos ensina que o início do Universo foi feito baseado na Terceira Lei de Newton: a ação de uma massa inerte resultou na reação de uma explosão em luz.

É neste momento que a certeza da Eternidade de Deus se faz presente: “Deus disse: "Haja luz" e houve luz. (Gn 1,3).

A Física não explica quem fez a massa inerte explodir em luz, porque Quem a fez está na Bíblia e não nos livros de Ciências e, que fique claro, não há como “furar” a Terceira Lei de Newton. Daí fica a questão: “quem agiu para que houvesse uma explosão?”.

A Física Quântica também passou a dar crédito na linha do pensamento de que o Universo foi criado com uma determinada ordem por uma “Consciência Superior”. Houve o Big Bang e surgiu o Universo, só que vários Big Bangs continuam existindo diariamente, mas o Universo continua estável e incólume em meio a tantas explosões.

Torna-se notório que somente uma Inteligência Superior poderia ter criado tamanho raciocínio, ordem e lógica, que nada foi criado ao acaso, pois, matematicamente falando, a coincidência aconteceria criando todo o Universo apenas uma vez em bilhões de anos? Sem comentários!

E no instante em que se diz criar o Universo, aufere-se de algo que antes não existia, não era e veio a ser, algo que pode ser confundido com todos os outros tempos, uma vez que não havia antes nem depois da Criação, ou seja, Deus é Eterno, sempre existiu e existirá para sempre, é um ser incriado e perpétuo.

Então, Deus é Eterno, não tem princípio e nem fim, Deus não é limitado ao espaço/tempo, ele o transcende e age conforme Seu tempo, o que pode ser facilmente verificado através das Sagradas Escrituras desde seu início.

Mais uma vez pode-se evidenciar que não é possível trabalhar com a concepção de um Deus Físico no espaço/tempo porque “Deus é espírito [...]”, (Jo, 4,24) e o todo de Deus se encontra em todo o espaço: “Se subo aos céus, tu lá estás; se me deito no Xeol, aí te encontro.” (Sl 139,8).

1.1 Um Deus, Três Pessoas

No princípio de tudo, antes mesmo da Criação, os membros da Divina Trindade viviam em um compartilhamento perfeito (Jo 17,5- 24).

Tudo o que existe é de Deus e tudo depende dele. Deus é o Criador e tudo o mais são criaturas (Jó 41,11); Sl (50,10-12).

E mesmo assim Deus é a Existência de três Pessoas Distintas: Pai, Filho e Espírito Santo.

No entanto, afirmar que Jesus Cristo é Deus não é o mesmo que dizer que Ele é o Deus Pai, antes, Deus é uno (Dt 6,4; Is 40,48) e sua unidade é referente à união e não apenas à questão de um número absoluto.

No AT há o uso da palavra *Elohim* (Deus) que tem formação no plural e da palavra “*echad*” utilizada em referência a um Deus, cuja formação também é no plural.

Então a palavra “nossa” utilizada em Gn (1,26) assim como a frase “[...] Eis que o homem se tornou como um de nós” em Gn (3,22) e a frase “Vinde, desçamos e confundamos [...]” em Gn (11,7) equivale ao mesmo que dizer que há mais de uma pessoa em Deus.

Então se tem Deus Pai, Deus Filho e o Divino Espírito Santo, revelando Deus como uma unidade plural, encontrando-se o mesmo na frase: “[...] Quem irá por nós?” em Is (6,8), o AT também registra um diálogo entre Deus e Deus: “[...] Oráculo de Iahweh ao meu senhor: ‘Senta-te à minha direita, até que eu ponha teus inimigos como escabelo de teus pés’” em Sl (110,1).

O mesmo pode-se dizer do corpo místico de Cristo onde todos formam uma mesma unidade.

É importante ressaltar que a Terceira Pessoa, o Divino Espírito Santo, é revelada como um ser pessoal, que pode falar (1 Tm 4,1), interceder (Rm 8,26) e tomar decisões (At 13,12; 15,28), além de possuir outras características das puramente divinas como ser Onisciente (1 Cor 2,10-11) e Onipresente (Sl 139,7-10).

1.2 Deus, Morte e Ressurreição no AT

Deus deixa claro que ele é o Senhor da vida e da morte: “E agora, vede bem: eu, sou eu, e fora de mim não há outro Deus! Sou eu que mato e faço viver, sou eu que firo e torno a curar (e da minha mão ninguém se livra)”. (Dt 32,39).

Aí está a imagem da dádiva de Deus para o homem que seria a vida, porém a morte sempre estará rodeando:

Deus, o Criador, presenteou o ser humano com a vida, uma dádiva e não uma propriedade do vivente. Mas as forças da morte estão sempre em ação na criação, e séculos serão necessários para que a tradição bíblica comece a formular a ideia de uma vitória definitiva sobre a morte. (PASA, 2013, pg. 52).

A eternidade e a fortaleza do reino de Deus são afirmadas nas visões de Daniel (7,13-14):

Eu continuava contemplando, nas minhas visões noturnas, quando notei, vindas sobre as nuvens do céu, um como Filho de Homem. Ele adiantou-se até ao Ancião e foi introduzido à sua presença. A ele foi outorgado o império, a honra e o reino, e todos os povos, nações e línguas o serviram. Seu império é um império eterno que jamais passará, e seu reino jamais será destruído.

A noção da Eternidade também se apresenta em II-Macabeus (7,9): “Chegado já ao último alento, disse: “Tu, celerado, nos tiras desta vida presente. Mas o Rei do mundo nos fará ressurgir para uma vida eterna, a nós que morremos por suas leis! ””.

1.3 Jesus Cristo, Deus

Conforme abordado no tópico anterior, O Pai, O Filho e o Divino Espírito Santo são Pessoas distintas e pode-se constatar a ação das três Pessoas no batismo de Jesus Cristo, onde cada uma das Pessoas representou seu próprio papel e este esteve integralmente em concordância com as demais Pessoas, tendo o Espírito Santo descido como uma pomba sobre Cristo e o trovejar da voz de Deus Pai, dos céus (Mc 1,9-11).

A evidência que estipula o grau de hierarquia da Santíssima Trindade coloca Deus maior que Jesus (Jo 14,28) ao determinar que Jesus (Jo 14,24) foi enviado pelo Pai, sendo, portanto este mesmo Pai que enviou Jesus, Aquele que enviou o Espírito Santo (Jo 14,26), o qual também intercede, assim como o Filho faz (Rm 8, 26,34).

Jesus também é representado na Bíblia de diversas maneiras sendo cada

uma delas um atributo designativo do Seu Caráter.

E da mesma maneira como acontece com Deus, as designações utilizadas para falar de Jesus foram, entre outras: galinha (Mt 23,37), fogo (Hb 12,29), um templo (Ap 21,22), lâmpada (Ap 21,23), estrela da manhã (Ap 22,16), arquiteto e edificador (Hb 11,10).

Não existe outro meio de reconhecimento que não seja o Eterno em Jesus na época em que vivia entre homens.

A Divindade de Jesus Cristo é a base onde se fundamenta o Cristianismo, pelo simples fato de Ele ser Filho de Deus e também Deus, a segunda Pessoa da Divina Trindade.

Como alguém pode provar que Jesus Cristo era realmente Filho de Deus e Deus?

Fácil: Jesus Cristo foi, é e será eternamente o mais admirável Homem que já pisou neste planeta Terra.

Sua infindável sabedoria e inteligência faziam com que Ele tivesse uma compreensão maior e melhor do mundo, das pessoas e das coisas, mais do que qualquer ser.

Então se chega ao raciocínio com toda a exatidão lógica de que Jesus Cristo, por ser a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade e também Deus, participou diretamente da Criação, o que valida o Gênesis (1,26) quando se utiliza da palavra “nossa”.

Assim sendo, inevitável e necessariamente a compreensão Dele é Superior à de qualquer mortal, porquanto é Deus.

Jesus entra em cena com toda sua Superioridade e, como Deus que é, fala do perdão dos pecados, do julgamento do mundo e das coisas mundanas como se Ele mesmo tivesse passado por cada situação que ensinou, comparou e/ou delas fez parábolas.

Em seus discursos falava a realidade dos fatos que vivenciava e fazia a crítica necessária a cada caso.

Afirmou-se como o Deus que existia antes de Abraão (Jo 8,59) e quase foi apedrejado por Suas “blasfêmias”.

1.4 Morte e Ressurreição no NT

Jesus se entregou de corpo e alma à Sua causa: salvar a humanidade, como sacrifício feito a Deus pelo próprio Filho de Deus.

Este sacrifício extinguiria de vez todos os sacrifícios que eram feitos a Deus e partir de então o homem estaria salvo.

A forma como Jesus pensava no próximo, como tratava as pessoas e como ensinava mostra que somente Aquele que é o portador de uma Inteligência Superior poderia ser e se portar.

As mensagens que ensinava há mais de dois mil anos continuam sendo tão atuais como se fossem inspiradas nos acontecimentos dos dias atuais

Com a Maior Autoridade resumiu os Dez Mandamentos em apenas dois: “Amar a Deus sobre todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo”, pois, se alguém ama o próximo, não o roubará, não o matará, ou seja, não cometerá nenhum dos outros pecados previstos no Decálogo.

Qualquer estudioso sabe que o que o Evangelho reza não coaduna com qualquer crença oriental e outros ainda dizem que toda a história de Jesus Cristo é apenas uma estória bem montada, enquadrada em determinados eventos históricos reais.

Há de se salientar com letras garrafais que os próprios inventores da suposta “estória bem montada”, sofreram horrores em nome de Jesus Cristo e do seu Caminho, por executores e animais selvagens postos à disposição dos imperadores e divertimento do povo.

Roma escravizou Israel e o nome de César era o que mais havia de sagrado no mundo, tanto que Pôncio Pilatos aquiesceu em condenar Jesus à morte, tão logo os judeus começaram a apelar para o nome de César, o qual não gostaria de saber que outro homem se dizia Rei e Deus.

E quanto a Saulo de Tarso? Perseguiu os cristãos para condená-los à tortura e à morte, até o dia em que encontrou Jesus Cristo envolto em nuvens perguntando-lhe o porquê de tanta perseguição a Ele e ao seu Caminho.

A partir deste momento nascia São Paulo, um dos maiores defensores e

pregadores do Cristianismo.

São Paulo alega que morremos em Adão e que Cristo, o Novo Adão, carrega consigo toda a humanidade; é em Cristo que o pecado morre e todos que nele creem são participantes de sua obra salvífica e afirma: “(...) Se pela falta de um só todos morreram, com quanto maior profusão a graça de Deus e o dom gratuito de um só homem, Jesus Cristo, se derramaram sobre todos”. (Rm 5,15).

Eis a afirmação da superação da morte de Jesus com Sua própria morte, que libertou o homem da lei do pecado e da morte (Rm 8,2).

São Paulo salienta que, para aquele que é batizado em Cristo, a vida diária é uma morte e uma ressurreição com Cristo (Rm 6,2).



MÓDULO II - A ALMA

A palavra alma (*psché* = grego e *nephesh* = hebraico) significa o ser que respira, referindo-se à criatura viva e não à sua continuidade eterna após a morte física.

Deus concedeu a alma ao homem no momento em que o criava (Gn 2,7): “Então Iahweh Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente.”.

A condição expressa no verso 17 - "certamente morrerás" - sugere uma imortalidade humana. Subtende-se que se o primeiro casal não comesse do fruto proibido, não passaria pela morte física nem perderia a comunhão com o Criador.

Deus é o Senhor da Vida e da Morte: “Todas as vidas me pertencem, tanto a vida do pai, como a do filho. Pois bem, aquele que pecar, esse morrerá” (Ez 18,4); “Sim, a pessoa que peca é a que morre!”. (Ez 18,20)

A Bíblia é categórica ao afirmar que a alma pode morrer.

Andar nos caminhos de Deus, respeitando Sua Vontade, suas leis e o adorando é uma garantia de se alcançar a imortalidade da alma.

Deus, da mesma forma que faz o homem alcançar a eternidade após sua morte física, também pode aniquilar de vez a alma daqueles que ignoraram

seus caminhos.

Neste caso, o ser encontra a morte eterna, o fim, o caminho sem volta e o único que pode fazer isto acontecer é Deus.

[...] não tenhais medo dos que matam o corpo e depois disso nada mais podem fazer. Vou mostrar-vos a quem deveis temer: temei Aquele que depois de matar tem o poder de lançar na geena; sim, eu vos digo, a Este temei. [...]. (Lc 12, 4-5)

Quando se fala que o corpo e a vida (alma) serão lançados à geena, conforme visto acima, significa que as pessoas deixarão sua existência tendo sua alma morrido eternamente.

Vê-se que Jesus refere-se ao poder único de Deus, que pode lançar qualquer criatura nos tormentos dos infernos após o julgamento.

Ao mesmo tempo, Jesus em sua Palavra é afirmativo ao falar da sobrevivência da alma e isto se pode constatar na parábola do Rico e de Lázaro, que sobrevivia de migalhas e, ao morrer, foi levado para o seio de Abraão. Observa-se que o homem rico poderia matar Lázaro, mas sua alma permaneceria incólume, pois apenas Deus tem o poder de matar a alma após a morte física e o devido julgamento: “E como é um fato que os homens devem morrer uma só vez, depois do que vem um julgamento [...]”. (Hb 9,27)

Também em Levítico consta a palavra "vida" utilizada no sentido de, alma – “Porque a vida da carne está no sangue [...]” (Lv 17,11) – que tem origem na mesma palavra hebraica que se traduz como "alma". Sendo assim, este versículo também poderia ser lido: "Porque a alma da carne está no sangue [...]".

Observa-se a importância do sangue na expiação, pois o rito de expiação sobre o altar se fazia com sangue e Jesus deu Seu Sangue pela humanidade, ou seja, Sua Alma no resgate dos homens.

2.1 A imortalidade da alma

O homem se conscientiza da imortalidade pelas palavras de Jesus Cristo e do próprio Deus:

Ao se conscientizar de sua imortalidade, o homem pode transformar e

melhorar toda sua vida, atingindo o bem a todos que estiverem ao seu redor, tanto no setor moral como no cognitivo, o que por sua vez cria uma espécie de reação em cadeia de bem estar e tal sensação atinge a cada um que vai se aproximando.

Crer que a vida continua após a vida é um dos pilares fundamentais que estruturam a fé do cristão, afirmando o parágrafo anterior quanto ao fato do bem que isto ocasiona ao homem e a seu próximo.

E é interessante ressaltar que após sua morte vem a resposta por todas as ações que direcionaram sua vida, que é a recompensa ou o castigo.

Mas observa-se que o homem tem o livre arbítrio para tomar cada decisão baseada nos valores em que acredita na vida, os quais atingem todas as esferas.

Mas é fato, o homem tem de pagar a um Credor tão Bom quanto Exigente. E a única exigência que Ele faz é pedir que o homem viva na terra tratando seu próximo da mesma maneira que gostaria de ser tratado, com respeito e amor. Só!

Jesus Cristo nos dá o exemplo de que veio para servir, amar e nos ensinar a sermos pessoas queridas e de bem com a vida.

O pouco do ser que se dá a outro ser, de maneira incondicional, é o apelo que Jesus Cristo veio fazer aos homens!

Mesmo em momentos de dor e desespero não faça outro pagar por aquilo de que não teve culpa. Antes, aceite o abraço fraterno de quem também sabe o que é dor.

Este verdadeiro amor é independente de qualquer comportamento ou ação, pois ele gera bons comportamentos e nobres ações, por mínimas que sejam.

Esta é a verdadeira fé daqueles que acreditam em Deus e na imortalidade que Ele oferece ao homem.

Por isto crer e se saciar em Deus faz do homem a criatura mais realizada do Universo, os olhos do homem estão fixos na Palavra de Jesus, o qual veio consumir a fé!

Conforme visto, Deus é Rocha e o homem que firma e escora toda sua

vida na Rocha não derribará jamais e receberá a justa recompensa por seus belos atos e maneira de viver a vida, respeitando o próximo.

As faltas que os homens carregam, em si, são o suficiente para mostrar o quanto ele precisa ser consciente de sua imortalidade para modificar o mundo onde vive.

Quanto mais distante de Deus e de sua Palavra, pior se torna o ambiente em que o ser habita, pois o comportamento leviano acarreta violência, corrupção, estupros, pedofilia, assassinatos, ou seja, acarreta a vida perigosa que levamos nos nossos dias.

E então chegam os falsos pastores já preditos pelo próprio Jesus, dizendo-se os verdadeiros portadores da mensagem divina e, com isso, angariam favores e dinheiros. O mais interessante é que há pessoas que acreditam e pagam!

Isto remete à história de Simão Mago, que queria comprar o poder que São Pedro tinha de fazer milagres impondo as mãos. (At 8,18-19)

Segundo a doutrina da imortalidade da alma, o ser humano se subdivide em corpo mortal e alma imaterial imortal.

Com a morte, a alma deixa o corpo e aguarda a decisão do seu julgamento.

Os que não forem salvos têm seu lugar próprio para ir e este é o alicerce que sustenta o cristianismo, contando com várias almas dos que faleceram acreditando entrar na glória eterna e desfrutar da companhia do Deus Eterno.

2.2 Eternidade

Se o ser é imortal, então ele é eterno.

A Eternidade, uma qualidade perene, afirma a continuidade da alma na vida após a vida (ou morte), onde o homem receberá seu galardão conforme as obras que realizou enquanto ser vivo, andante, pensante e errante.

As atitudes dos que creem são influenciadas por acreditarem que seu comportamento terreno irá angariar um castigo ou uma recompensa nesta continuação de vida.

E os que não creem também são afetados de alguma forma, pois não possuem a certeza de estarem absolutamente certos em suas convicções.

A Eternidade leva a entender a imortalidade da alma, pois a alma mudaria de dimensão, de um espaço físico para um espaço eterno, de onde deverá prosseguir na caminhada ou não, dependente da recompensa ou do castigo que receber.

No início de tudo, o Paraíso era habitado por seres eternos e assim foi até o momento em que uma decisão errada, baseada em mentiras, fez com que seres eternos cometessem o primeiro pecado, o pecado original.

A partir deste instante os primeiros pais tiveram uma morte espiritual (não corporal) imediata (Gn 3,7-13), a qual somente passaria a ser resgatada mediante uma vida aberta a Deus e com esperanças no chamado de Jesus Cristo na época certa, uma vez que tudo faz parte do plano salvífico de Deus.

Assim sendo, ocorrerá a separação entre corpo e alma, pois neste chamado está implícita a continuidade do ser enquanto alma, mesmo que o corpo tenha retornado ao pó.

O próprio Filho de Deus passou por essa situação de continuidade ao mostrar aos seus discípulos que haveria a ressurreição de todos, que a vida espiritual não acabava após a morte corporal.

E Jesus Cristo confirma essa continuidade no momento em que diz ao ladrão crucificado ao seu lado: “[...] Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso”.

Esta afirmação sobre a separação entre corpo e alma é poderosa por que quem morreu foi Jesus homem e não Jesus Deus.

S. João também confirma a vida após a morte: “[...] Vi também as vidas daqueles que foram decapitados por causa do Testemunho de Jesus e da Palavra de Deus.” (Ap 20,4)

Percebe-se que existe a sobrevivência das almas, pois nenhum deles voltou do além para continuar a vida, portanto não houve o ressuscitar e o Apocalipse é enfático ao relatar que eram almas daqueles que foram mortos.

O homem, curioso por natureza, busca novos conhecimentos para aplicar suas teorias, porém a Eternidade é um fenômeno desconhecido, é abstrata, mas existe e todos nós teremos que passar por ela.

E este fato deixa o homem de alguma forma frustrado por não conseguir explicar o inexplicável, algo que cabe somente a Deus.

“Mas, como está escrito, o que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu, isso Deus preparou para aqueles que o amam.” (1 Cor 2,9)

Estes que O amam são os fiéis, os que respeitam suas leis e vivem a vida em conformidade com Suas regras, para que haja um mundo harmônico baseado no amor a Deus e ao próximo.

É importante observar que, mesmo sendo indeciso ou descrente de Deus e da Eternidade, se o indivíduo não deixa de obedecer às Suas leis, da mesma forma que um fiel o faz e procura viver em paz e harmonia, com certeza este indivíduo encontrará a Infinita Misericórdia:

- Jesus Cristo declarava que os justos ressuscitariam “para a vida” (por isto a utilização do termo vida após vida) e os ímpios para a condenação (Jo 5,29) e que os hipócritas serão punidos “[...] onde haverá choro e ranger de dentes” (Mt 8,12; 24,51; 25,30), e onde ficarão amarrados, em trevas, para todo o sempre. (Mt 22,13);

- São Paulo ressaltava que haveria “[...] tribulação e angústia para todo ser humano que pratica o mal” (Rm 2,9);

- Daniel predizia que “[...] os ímpios ressuscitarão ‘para a vergonha e desprezo eterno’” (Dn 12,2);

- E São João anunciou que os que forem jogados no lago de fogo “[...] serão atormentados dia e noite, para todo o sempre.” (Ap 20,10)

2.3 Da ressurreição à Eternidade

A ressurreição é o caminho da eternidade, um caminho de esperanças, certezas, onde uma nova perspectiva de vida se abre dentro de um panorama de justiça, misericórdia e amor.

Pois sendo Deus Onisciente, a cada um julgará conforme seus atos e ações.

E então descortina neste ponto a imensidão do Amor e da Misericórdia Divinas, dando àquele que nunca acreditou a chance de renascer e regenerar.

Porém tudo isto acontece mediante a passagem de Jesus Cristo pela terra e a Mensagem que deixou a cada um.

O povo hebreu era escravizado por Roma, os ricos cada vez mais ricos, os pobres cada vez mais pobres e os tributos aumentavam constantemente.

Cristo veio para abrir os olhos daqueles que não queriam enxergar e os ouvidos dos que não queriam ouvir, mas mesmo assim deixou a cada um a liberdade de se decidir, que é o livre arbítrio dado e respeitado por Deus Pai até o momento do julgamento e da espécie de penalidade que Jesus dará ao separar o joio do trigo.

E os que são fiéis viverão em comunhão com seu próximo e amando a Deus acima de tudo, pensando na eternidade que conhecerão e, assim, sentirão a felicidade infundável com que Deus contemplará, tal qual o homem a procurou por toda sua vida.

Mas há também o homem que pode assassinar outro homem, tirando-lhe a vida pensando apenas em benefício próprio.

Este homem estaria passando por cima de todas as regras humanas, sociais e espirituais por não querer acreditar em uma verdade fatídica que teria de responder por este pecado mortal após a morte.

E após a morte vem o julgamento feito por Aquele que ofereceu a própria vida por Amor à humanidade e voltará uma segunda vez para libertar aqueles que viveram na esperança da salvação da sua alma, de olho na Eternidade.

“E como é um fato que os homens devem morrer uma só vez, depois do que vem um julgamento, do mesmo modo Cristo foi oferecido uma vez por todas para tirar os pecados da multidão. Ele aparecerá uma segunda vez, com exclusão do pecado, àqueles que o esperam para a salvação.” (Hb 9,27-28)

Deus é o único que pode tirar a vida do homem e da mesma forma pode ressuscitar o que foi morto.

É o único com este poder e conforme Seu julgamento, se a pessoa não for digna de entrar em seu reino, essa alma poderá ser consumida totalmente, não havendo chance de ressurreição, pois, por ser impenitente, estará pagando a justa medida.

O que Cristo prega diretamente, o tempo todo, é que devemos moldar nossas vidas na confiança do poder de Deus, o único que pode matar o corpo e a alma, eliminando a existência de uma vez.



MÓDULO III - A CONSCIÊNCIA DE SER IMORTAL

Momentos antes do início de Sua Paixão, Jesus Cristo, através de Sua Oração a Deus Pai, deixa claro aos homens a imortalidade da alma: "Pai, chegou a hora: glorifica teu Filho, para que teu Filho te glorifique, e que, pelo poder que lhe deste sobre toda carne, ele dê a vida eterna a todos os que lhe deste!" (Jo 17,1-2)

E Jesus ressalta a qualidade desta imortalidade como conexão direta com Deus, no momento em que afirma a Existência da Trindade por oração: "Já não estou no mundo; mas eles permanecem no mundo e eu volto a ti. Pai santo guarda-os em teu nome, que me deste para que sejam como nós." (Jo 17,11)

Este é o único caminho de consciência em que o cristão alcançará sua imortalidade: Estará de volta ao Pai Criador, uma continuação da vida em outro plano, outra esfera e outra dimensão, seja o nome que for, pois a finalidade é a mesma: viver junto ao Pai através do Filho em um lugar já preparado por Jesus.

Desde o Gênesis Deus prepara o caminho da salvação do homem e promete a vinda de um Messias que guiaria o povo para um único lugar: Seu Coração.

“Ora, a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo.” (Jo 17,3)

Porém, da mesma maneira com que Deus oferece um convite para uma união vital com Ele Próprio, o homem também é respeitado em seu livre arbítrio e em suas pessoais decisões.

O grande perigo contra tal união pode vir de uma vida amargurada e difícil, a qual atinge a própria espiritualidade do homem, tornando-o revoltado contra o mundo, contra Deus, e/ou contra o próximo.

Correntes de pensamentos anticristãos são pressionadas o tempo todo pela mídia, diante dos olhos do homem, o que o induz a perda da fé, ao esquecimento do plano de Deus, de Jesus e de Sua Mensagem, que são o âmago da vida eterna ressaltado na Palavra de Jesus:

[...] as palavras que me deste eu as dei a eles, e eles as acolheram e reconheceram verdadeiramente que saí de junto de ti e creram que me enviaste. Por eles eu rogo; não rogo pelo mundo, mas pelos que me deste, porque são teus, e tudo o que é meu é teu e tudo o que é teu é meu, e neles sou glorificado. (Jo 17,7-10)

Portanto, o homem, mesmo que descrente, tem consciência da sua imortalidade, impregnada em todos os ditos de Jesus e no decente comportamento cristão que o fiel emprega.

Mas trabalhar com pensamento anticristão é exceção, o importante é a regra: desde os primórdios o homem se preocupa com o que vem depois da morte e os que respeitam esta ideia têm comportamento, pensamento e ações compatíveis com a fé cristã e temem o que pode se esperar de Deus, caso não siga seus mandamentos:

“Quem poderá suportar o dia da sua chegada? Quem poderá ficar de pé, quando ele aparecer? Porque ele é como o fogo do fundidor e como a lixívia dos lavadeiros. E se assentará aquele que funde e que purifica (...)”, (Mt 3,2-3).

No Apocalipse (9,15-17) está a declaração de que um terço dos homens serão mortos ao tocar a sexta trombeta: por fogo, fumaça e enxofre.

Neste dia, chamado Dia do Juízo, os ímpios sentirão a primeira morte que é a física, a separação da alma e do corpo e, após a ressurreição, sentirão a

morte eterna, isto é, a eterna separação de Deus: “A Morte e o Hades foram então lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte: o lago de fogo. E quem não se achava inscrito no livro da vida foi também lançado no lago de fogo.” (Ap 20-14-15)

Já, os fiéis, aqueles que seguiram a Palavra, alcançaram o beneplácito da vida eterna e serão imortais.

Quanto à separação do corpo e alma, Jesus a declara segundos antes de morrer: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito. E, havendo dito isto, expirou." (Lc 44,23)

Jesus, a partir de então, morre como homem e sua alma também se separa do seu corpo após a morte.

Estevão, o primeiro mártir cristão, entregou seu espírito a Jesus:

E apedrejaram a Estêvão, enquanto este invocava e dizia: "Senhor Jesus, recebe meu espírito". Depois, caindo de joelhos, gritou em voz alta: "Senhor, não lhes leves em conta este pecado". E, dizendo isto, adormeceu. (At 7,59)

O rei Salomão alegava que o corpo desce ao pó, mas não o espírito: 7 antes que o pó volte à terra de onde veio e o sopro volte a Deus que o concedeu. (Ec 12,7)

Salienta-se que com todo o esplendor de sua sabedoria Salomão também afirma a separação corpo/alma na hora da morte.

Até mesmo o ladrão que morreu ao lado de Jesus pede-lhe para ser lembrado: “Jesus, lembra-te de mim, quando vieres com teu reino.” (23,42)

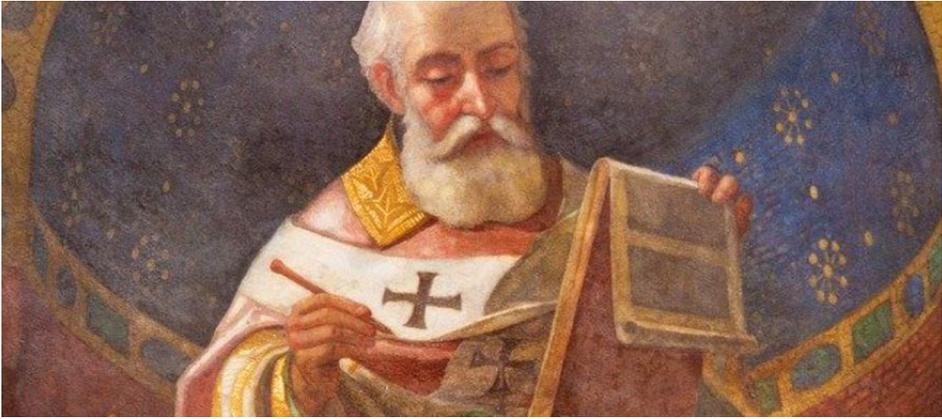
E a resposta afirmativa de Jesus é a declaração da salvação pela graça mediante a fé: “Pela graça fostes salvos, por meio da fé, e isso não vem de vós, é o dom de Deus: não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho.” (Ef 2,89)

Observa-se que essa separação abriga a sobrevivência da alma no momento da morte.

Aprofundando um pouco na eternidade, torna-se importante recorrer aos dois pensadores que nortearam os princípios cristãos no decorrer do tempo:

S. Agostinho e S. Tomás de Aquino.

Eles serão abordados no intuito de tentar descrever a promessa que Jesus trouxe para preparar para o cristão, assim como afirmar a Eternidade de Deus, pois Ele é tudo!



MÓDULO IV - ETERNIDADE E TEMPO EM SANTO AGOSTINHO

Antes de abordar a eternidade, torna-se interessante abordar o seu contrário, a vida terrena, a temporalidade.

A temporalidade é ligada estruturalmente ao homem e não carrega em seu bojo nenhuma peculiaridade da eternidade, uma vez que somente Deus é Eterno.

Com ou sem Big Bang, Deus a tudo criou e deu forma abstrata ou concreta: o tempo, o espaço, a temporalidade e a eternidade.

O tempo não pode medir a Eternidade e o espaço não pode calcular suas dimensões, caracterizando o devir. Porquanto a eternidade se encontra acima da temporalidade.

A Inteligência Divina carrega a ideia das coisas desde a eternidade, não medida pelo tempo, e acontece diante de um ato divino livre e eterno.

Santo Agostinho apela ao aspecto psicológico para analisar o tempo nas três dimensões que a vida humana atravessa: passado, presente e futuro.

Santo Agostinho analisa o tempo de maneira que aborde a psicologia, explicando a memória do passado, a intenção que se vive no presente e a espera pelos acontecimentos futuros.

Assim como Platão, o tempo é concebido pelo Santo como uma aparência

mutável e perecível de uma essência imutável e imperecível que é a eternidade.

Nisto, o grande pensador e santo entende que o homem não é coeterno com Deus, uma vez que para Deus todos os tempos são um só.

Portanto, o fato de Deus existir não depende de tempos sucessivos, uma vez que é Maior que eles.

Nada dura, nem as coisas e nem o tempo são eternos, o início da criação é o início do tempo que também é criatura como as coisas, porque não houve um tempo antes da criação e este só passou a existir a partir do momento que tudo foi criado.

A eternidade é superior a todo e qualquer tempo, assim, o tempo atual de hoje para Deus pertence à eternidade.

Santo Agostinho salienta que não houve tempo em que Deus deixou de fazer algo, uma vez que Ele fez o próprio tempo.

Desta maneira fica claro que o tempo não pode mensurar a eternidade, pois as ações do tempo são sucessivas e dependentes: “[...] se nada sobrevivesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existia o tempo presente.” (AGOSTINHO, 1981, p. 304)

O tempo presente existe porque existiu o passado e o tempo futuro existe porque existiu o tempo presente.

O que leva a afirmar a dependência dos tempos, pois o que está no presente tende, no futuro, a existir ou não.

O tempo não divide e continuamente é indivisível.

Uma vez ligado no psicológico, encontra-se na alma e pertence à ela e em sua distensão.

Santo Agostinho encontra na distensão do tempo a vida interior do homem; a alma, em sua distensão, é contínua e através do animus mede o tempo. Somente a alma pode ter noção de si mesma e mensurar o tempo, afirmando seu caráter racional.

E Deus está muito além do homem e da razão humana, como já abordado. Assim sendo, não são coeternos com Deus.

A razão humana mensura o tempo e o homem guia sua vida e suas intenções

de olho nele, pois o outro lado do tempo não é medido pelo homem. É a Eternidade que se encontra em Deus.

Ao tomar consciência da imortalidade, o indivíduo pode mudar toda a direção de sua vida em tudo, pois a medida dos seus atos serão medidas na eternidade.

Santo Agostinho conclui que, depois da morte física, devido ao primeiro pecado, esse corpo será restituído a seu primeiro estado. A ressurreição da carne fará mais do que levar a recobrar o primeiro estado original; ela fará um corpo espiritual, pois há um corpo psíquico, há também um corpo espiritual:

Assim está escrito: o primeiro *homem*, Adão, *foi feito alma vivente*; o último Adão tornou-se espírito que dá a vida. Primeiro foi feito não o que é espiritual, mas o que é psíquico; o que é espiritual vem depois. (1 Cor 15,45-47)

Para S. Agostinho a morte é mau uso do livre arbítrio do homem e ela não procede de Deus: [...] a morte veio por um homem [...]” (1 Cor15,22), porquanto a morte não procede de Deus.

Ao se manter distante de Deus, o homem deixa de estar imune ao pecado e penitência, pois para S. Agostinho, se não houvesse um ato voluntário, jamais o pecado entraria no mundo.

Portanto, Deus julga o homem por seus pecados que são voluntários e motivos de julgamento.

Porque Deus quer os que livremente o servem de alma e coração, não aos que se propõem a Deus e pecam conscientemente.



MÓDULO V - ETERNIDADE EM SÃO TOMÁS DE AQUINO

Para S. Tomás Deus não pode contrariar as leis que ele próprio criou. Por exemplo, não pode fazer algo que, sem deixar de ser, se transforme simultaneamente em algo oposto.

S. Tomás prega a definição clássica da eternidade como “a posse total, simultânea e completa da vida interminável”.

O que Aristóteles afirmava é que, para entender a Eternidade, é necessário que se decomponha o tempo: “O tempo é o número (ou numeração, ou contagem) do movimento segundo um antes e um depois”.

S. Tomás alega que Deus é um ser imutável, sem passado, presente, futuro e movimento, cujas regras criadas por Ele seriam também imutáveis.

Coloca a Eternidade como a medida de Deus e o tempo como a medida das coisas em movimento ou mutação.

Salienta também que a eternidade é a medida do ser que tem sua completa posse sem sofrer alterações:

Dizia Aristóteles que Deus é o “primeiro motor imóvel”, que move as coisas sem se mover assim como o amado move o amante sem se mover, ou poderíamos acrescentar, assim como uma beleza de uma estátua nos move a ela sem se mover. Assim move os céus e as coisas, Deus, chamado o primeiro motor imóvel por Aristóteles, o que quer dizer que Ele é propriamente imóvel em todos os sentidos, não só no sentido

de movimento local, mas no sentido de não sofrer qualquer alteração.
(COSTA 1981, p; 186)

São Tomás entende que as coisas contingentes acabam:

Tudo quanto um dia deixará de ser é porque um dia não foi. Se todas as coisas que existissem fossem assim, ou seja, coisas que um dia não foram, é porque um dia nada foi, como o nada absoluto é impossível; é necessário haver um ente que sempre foi e que sempre será; este é Deus.
(COSTA 1981, p; 186)

E que apenas Deus é eterno e é a Eternidade.

S. Tomás discorre Deus como ente único, aquele que é o próprio ser, diferente de nós que temos a existência baseada no tempo e, em qualquer momento deste tempo, pode acabar, sendo que o tempo continuaria a existir até a Eternidade.

A essência de Deus é existir, porém Sua existência jamais deixará de ser; por isso, é a própria Eternidade, não houve tempo antes, não há depois, Deus existe!

O homem se separa do corpo na morte, Deus não é composto por partes como o homem, Deus não morre, Ele é completo, eterno.

O homem foi feito à imagem e semelhança de Deus e terá vida eterna por que esta é a imagem da eternidade de Deus.

Segundo Platão: “A procriação da espécie é uma imitação da eternidade de Deus”.

O que nos deixa obviamente provada a existência de uma Mente Superior que coordene tamanho caos em uma ordem tão perfeita.

Conforme abordado até o momento, a medida de Deus é a Eternidade e, ampliando o grau intermediário entre tempo e eternidade, existem outros entes, os anjos, que também se assemelham a Deus.

Quanto à Paixão de Cristo e ressurreição, S. Tomás alega que esta foi exaltada por Ele ter ascendido aos céus, por estar sentado à direita do Pai, por ter manifestado seu poder e é Nele que se encontra a vitória sobre a morte e a injustiça. (1 Cor 15)



MÓDULO VI - ETERNIDADE SEGUNDO ALGUMAS CRENÇAS

Em diversas religiões, a morte é figurada como a passagem para outro princípio.

Existem diversos tipos de seitas, doutrinas e religiões que acompanham o homem no decorrer do seu desenvolvimento e transformações, as quais se iniciaram assim que ele começa a ver os questionamentos.

Por exemplo, pode-se imaginar na Idade Primitiva os homens observando e se questionando por que a lua aparece somente a noite, ou se os raios e trovões são castigos.

Assim como está na história, o homem se separou da verdadeira Igreja de Cristo para criar uma religião paralela, com os mesmos fundamentos, porém com um ministério confuso entre Novo e Antigo Testamento, o qual prega também a existência da ressurreição.

E há também os que acreditam na reencarnação como uma continuação para pagamento dos pecados efetuados em vidas anteriores, e por aí vai.

6.1. Islã

É grande a semelhança entre a Torá dos judeus e o Alcorão dos muçulmanos e ambos se baseiam nos cinco primeiros livros da Bíblia.

O islamismo prega que o Alcorão é a palavra que Deus (*Alá*) revelou ao

Profeta Maomé (*Mubammad*).

Assim como a religião judaica e a cristã, a religião muçulmana crê no julgamento pós-morte e na vida que se iniciará, após a avaliação de Alá sobre o comportamento terreno do homem. Na Surata 33^a, versículo 185 do Alcorão, se encontra a afirmação de que:

Toda a alma provará o sabor da morte e, no Dia da Ressurreição, sereis recompensado integralmente pelos vossos atos; quem for afastado do fogo infernal e introduzido no Paraíso, triunfará. Que é a vida terrena, senão um prazer ilusório?

O homem vive em função de agradar ao seu Deus e às tradições de seu profeta, espera pela ressurreição, ou seja, o retorno ao corpo da vida terrena e a Eternidade se inicia tão logo este corpo expira e morre.

6.2. Judaísmo

A Torá significa ensinamento em hebraico e, conforme visto, se baseia nos cinco primeiros livros da Bíblia.

Ela pode ser designada de forma oral ou escrita.

Iahweh é o autor das Antigas Escrituras recebidas por Moisés, o qual transmitiu para o povo judeu, que havia sido escolhido por Deus, seus estatutos, preceitos e mandamentos enquanto peregrinava pelo deserto durante quatro décadas.

A Torá escrita contém 613 mandamentos e a oral foi sendo passada de geração em geração ao povo judeu. Ressalta-se que uma depende da outra, não sendo possível estudar uma sem antes conhecer a outra.

As profecias da Torá, salmos, cânticos e o Novo Testamento se baseiam pelos escritos da Torá e os judeus acreditam que a alma existe para a eternidade efetuando diversos rituais quando alguém morre.

O alinhamento entre a palavra de Deus Revelada e o conhecimento da Torá é a ligação entre os dois mundos, o natural e o sobrenatural.

Salienta-se que o judaísmo abrange ramificações divergentes, onde uns acreditam que a alma reencarnará e outros acreditam que a alma ressuscitará,

porém a morte não é o fim da vida espiritual e sim da matéria carnal.

6.3. Cristianismo

Antes de abordar o Cristianismo e a Eternidade é interessante estabelecer um paralelo existente no conhecimento das três religiões: O judaísmo, o islamismo e o Cristianismo.

Os judeus guardam o Sábado uma vez por semana, no Alcorão os muçulmanos guardam o Ramadã uma vez por ano e os cristãos guardam todos os dias para evitar as tentações da carne: “Ficai acordados, portanto, orando em todo momento, para terdes a força de escapar de tudo o que deve acontecer e de ficar de pé diante do Filho do Homem”. (Lc 21,36)

Judeus e muçulmanos são proibidos de comer certos tipos de carne determinados por Deus como impuros, mas Jesus ensinou que o que contamina o homem não é o que entra pela boca, mas pelo que sai dela: “Ouvi e entendei! ‘Não é o que entra pela boca que torna o homem impuro, mas o que sai da boca, isto sim o torna impuro’.” (Mt 15,11)

Por isto no NT não há restrição à comida, Jesus prepara o homem para a vida espiritual sem se importar para o tipo de comida que o homem carnal possa ingerir.

6.3.1 Catolicismo

Completando então o paralelo feito no tópico anterior Jesus prepara o homem para viver seu dia a dia observando seus maravilhosos ensinamentos, os quais se dirigem para a imortalidade da alma.

Assim sendo, o homem fica alerta, pois não se sabe a hora que tudo acabará e é pela avaliação dos seus atos terrenos que sua alma alcançará a Eternidade.

O catolicismo crê que a alma é única por isso não há regresso em outros corpos físicos.

Os princípios da imortalidade e da ressurreição são os conceitos cristãos abrangidos pelo catolicismo e na Bíblia está escrito que o homem morre apenas uma vez.

A partir desta morte terrena o homem alcança a Eternidade, seus atos,

pensamentos e comportamentos determinarão a espécie de vida que terá após a morte: o paraíso, o inferno ou o purgatório.

No catolicismo, a morte é uma passagem, um batismo definitivo para a vida eterna, são os valores divinos que contam e a pessoa é julgada por eles.

Estes valores seguem o Caminho pregado por Jesus Cristo através do amor, da fraternidade, da verdade, da retidão, da justiça e da solidariedade entre muitos outros do mesmo quilate.

6.3.2 Protestantismo

Sendo uma facção do Cristianismo medieval e abrangendo os mais diversos tipos de seitas, os evangélicos creem no mesmo julgamento que a Igreja Católica, do qual se determinará se o indivíduo será condenado ao inferno ou se irá para a eternidade da alma no céu.

A diferença estabelecida é que os evangélicos creem que a alma fica viajando até a ressurreição que somente ocorrerá quando Jesus voltar à Terra, na denominada “Ressurreição dos Justos”, e que as almas condenadas ao inferno terão uma nova oportunidade na ocorrência da ressurreição do dia do Julgamento Final.

Para os evangélicos, a morte física é resultado do pecado, pois Deus fez o homem não para envelhecer e morrer e é por opção do próprio homem, que se afastou de Deus, renunciando a seus ensinamentos através do caminho da desobediência, que passou a conhecer a morte.

A Igreja Batista prega a morte física como separação do corpo e da alma e a morte espiritual como a separação entre fiel e Deus.

Aqueles que após a morte creem em Jesus vão para o Paraíso e os que não creem em Jesus após a morte, vão para as profundezas do inferno.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia prega que os mortos atingirão um sono profundo até o momento da ressurreição.

Os que seguiram os ensinamentos de Jesus entrarão para a Eternidade e os que não seguiram os ensinamentos de Jesus irão ser exterminados.

6.3.3 Espiritismo

O espírita defende a teoria da reencarnação, defende a vida após a morte, onde a alma seria avaliada caso precise pagar pelos erros cometidos em vida, ela renasce em outro corpo humano e assim será continuamente até atingir o limite da perfeição exigida pela religião.

Portanto, os que foram bons em vida irão ascender à outra realidade para uma nova vida; os que praticam o mal em vida têm a chance para novas oportunidade de se tornar perfeito por sucessivas reencarnações.

Esta doutrina prega também a invocação do espírito dos mortos, justamente por estarem nesta outra realidade.

Para o espiritismo todos os humanos são espíritos reencarnados e Deus criou não pessoas, mas espíritos com ou sem discernimento do bem e do mal, sendo então a morte a passagem para outro mundo espiritual.

É importante destacar que algumas escolas espiritualistas alegam que a individualidade humana permanece no indivíduo com todas suas faculdades intactas: morais, intelectuais e psicológicas.

Assim como a Igreja Protestante, o Espiritismo tem diversas facções e cada qual trabalha de forma diferente no momento da invocação do espírito: uns se utilizam da chamada “mesa branca”, outras necessitam de terreiros, outros de mata.

Tem facção que faz determinados arranjos mágicos chamados de “trabalhos”. Esses “trabalhos” envolvem comidas e/ou sacrifícios de animais em honra a espíritos baixos, sem moral ou ética alguma, na tentativa de matar outro ser humano, ou de forçar uma separação entre casais, etc.

Mas também há os bons que fazem “trabalho” apenas para ficar rico, ou trazer um bem amado fujão de volta, enfim, “trabalhos pacíficos” sem intenção de prejudicar o próximo.

A Umbanda se subdivide em correntes daqueles que admitem a existência do céu e o inferno e daqueles que pregam o *Karma* e a reencarnação.

No Candomblé os espíritos “maus” vagam pelos espaços influenciando de maneira negativa o pensamento e atos dos mortais.

Aqueles que sucumbem a tais influências negativas precisam passar por um processo de purificação para voltar ao seu estado normal. É a chamada limpeza espiritual efetuada diariamente, semanalmente e mensalmente.

6.3.4 Budismo

O Budismo crê que, assim que morre, o espírito volta em outros corpos, podendo ir de pessoas até plantas e animais, observando sempre o comportamento do homem, para subir ou descer na escala dos seres vivos.

Existem seis mundos diferenciados por onde o espírito pode ser enviado e também transmigrar de um mundo a outro.

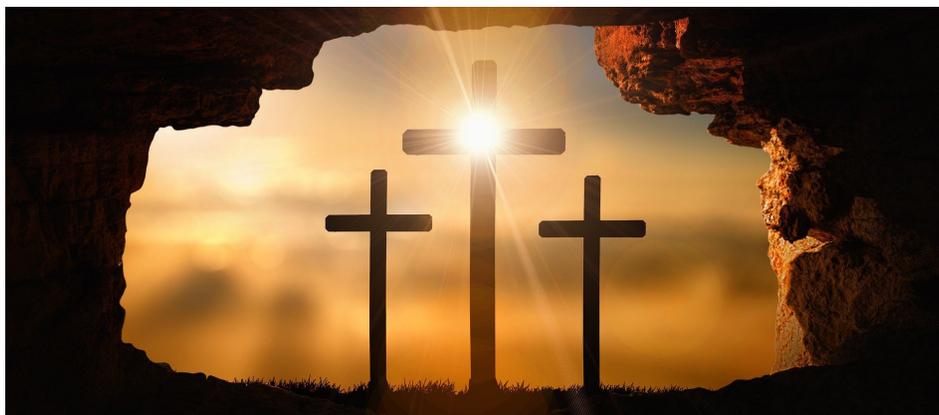
Para se alcançar o Nirvana, é imprescindível o desapego a coisas materiais e a mente forte para praticar o bem, evitar o mal e purificar o pensamento, praticando as virtudes de fé, da moral e da benevolência.

Mesmo sendo iluminado o homem não se conscientiza deste fato.

6.3.5 Hinduísmo

O hinduísmo prega a reencarnação, sendo a alma ligada diretamente aos pensamentos e atitudes do homem na terra.

O hinduísta também acredita na reencarnação e na lei do Karma e que a alma passa por sucessivas reencarnações até se purificar totalmente e alcançar a libertação final (*Moksha*).



MÓDULO VII - A RESSURREIÇÃO: PRIMEIROS PAIS DA IGREJA

Após o período apostólico, escritores cristãos continuaram o trabalho dos Apóstolos e dominaram a arte da escrita cristã.

Mortalidade X Imortalidade:

A Bíblia ensina que, após a morte, o corpo volta ao pó e o princípio vital (o espírito) volta para Deus: “[...] antes que o pó volte à terra de onde veio e o sopro volte a Deus que o concedeu.” (Ecl 12,7)

Portanto, o homem que tem o fôlego da vida é uma alma vivente e, quando esse fôlego cessa, o homem morre e o espírito volta para Deus.

O fôlego que veio de Deus volta para Ele e a alma morre. Porém não é uma morte definitiva, existe a esperança chamada ressurreição dos mortos.

Se não há ressurreição, não há nada após a morte, não haverá a imortalidade da alma e todos os caminhos da vida não teriam um objetivo, um sentido próprio de continuar.

Conforme São Paulo, é a ressurreição que se encontra na vida póstuma futura e isto não implica numa possessão de alma imortal dentro do corpo, mas sim no ressuscitar no último dia: “E não somente ela. Mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente, suspirando pela redenção do nosso corpo.” (Rm 8,23)

São Paulo compreendia que esse estado, entre o momento da morte até o momento da ressurreição, era um estado de vida sem consciência e, se perpetuasse este estado, ocorreria a cessação da existência e, assim sendo, de todos “[...] aqueles que adormeceram em Cristo estão perdidos” (Rm 15,18). São Paulo sofreu tudo em vão, por uma inexistência, e os que dormiram em Cristo pereceram de vez.

Os imortalistas acreditam nesse estado intermediário como estado futuro, pois os que morrem vão para outro mundo antes da ressurreição.

Salienta-se que este outro mundo teria vida consciente como o céu para aqueles que se salvaram e o inferno para os condenados.

Neste caso não há ressurreição, ela é inútil e a vida eterna se dá para os imortalistas tão logo o indivíduo pereça, com sua alma dirigindo-se para o destino certo.

Na ressurreição aqueles que foram salvos conseguem a imortalidade da alma (a vida eterna) e os não justos iriam para a morte eterna.

Olhando para o foco mortalista, percebe-se uma imortalidade condicional, o que significa que os indivíduos não serão imortais, pois eles não possuem o elemento imortal em sua própria natureza, que no caso seria a alma.

Ao contrário disso São Paulo pregava a obediência a Deus, pois a imortalidade é condicionada a esta obediência:

[...] a vida eterna para aqueles que pela constância no bem visam à glória, à honra e à incorruptibilidade; a ira e a indignação para os egoístas, rebeldes à verdade e submissos à injustiça. Tribulação e angústia para toda pessoa que pratica o mal, para o judeu em primeiro lugar, mas também para o grego; glória honra e paz para todo aquele que pratica o bem, para o judeu em primeiro lugar e também para o grego. Porque Deus não faz acepção de pessoas. (Rm 2,7-11)

Banzoli (s.a., pg. 27) ilustra a relação corpo, alma e espírito como um notebook avariado onde a bateria não funciona sem a alimentação da energia.

Sendo assim, apenas com o cabo conectado é que se consegue acessar os arquivos.

A função do cabo é alimentar o notebook para que este, como o espírito,

tenha a função de tornar o corpo consciente e quando desconectado tudo se apaga.

O cabo sozinho não tem função informatizada e para que isso ocorra é necessário estar conectado no notebook.

Da mesma forma, quando o espírito se separa do corpo, não há mais vida. O espírito não é o seu verdadeiro “eu”, mas é como o cabo, que ao ser desconectado do notebook não leva informações sozinho. A informação só existe quando há a interação entre o cabo e o notebook, ou entre o espírito e o corpo. O notebook é como o corpo. Enquanto o notebook está alimentado pelo cabo de energia, ele está ligado. Mas se o cabo for desconectado, o notebook desliga e passa a ser somente um pedaço de metal. Da mesma forma, quando o espírito deixa o corpo na morte, o corpo continua sendo corpo, mas inativo (sem vida). A alma, por sua vez, é como os programas e as informações que estão no notebook. As informações estão ali se você tiver unido o cabo ao notebook. Senão, o computador desliga e as informações só são recuperadas quando alguém voltar a ligar o cabo ao notebook. Da mesma forma, a alma só volta a viver quando Deus soprar novamente o fôlego de vida em nosso corpo, nos ressuscitando. (Banzoli [s.a.], pg. 27-28)

O autor conclui que afirmar que a alma continua viva depois da morte, carregando noções de consciência e personalidade do falecido para outra vida é um disparate, pois seria o mesmo que dizer que um notebook não precisa de bateria para funcionar, pois este funcionaria quebrado mesmo.

Então a tarefa de ligar o computador seria a ressurreição, pois sem isto o corpo ficaria desligado para sempre.

Se os Pais da Igreja eram mortalistas, eles entendiam que a vida eterna somente ocorreria por ocasião da ressurreição.

Que haverá o reencontro com as pessoas que amamos em vida terrena e que a imortalidade não é posse natural, mas algo a ser trabalhado para ser adquirido, pois somente veremos Deus após a ressurreição.

E a alma se tornaria imortal se o indivíduo estiver entre os salvos e os que morrem aguardam a ressurreição dos mortos para serem recompensados ou condenados.

Se os pais da Igreja fossem imortalistas, diriam que alcançaríamos a vida eterna tão logo morrêssemos, que encontraríamos as pessoas que amamos,

que a imortalidade é uma possessão que todos possuem dentro de si e não necessita ser alcançada, pois todos a têm naturalmente.

Os ímpios teriam como destino o tormento eterno, sofrendo para sempre. Encontraríamos Deus logo após a morte, antes da ressurreição, e que todos possuiremos a imortalidade no presente momento, independente de sermos justos ou não.

Os que já foram julgados estariam recebendo sua recompensa na glória celestial ou na danação do fogo do inferno, conforme viveu sua vida e que os injustos teriam suas existências extintas.

Em linhas gerais, a função do imortalista é encontrar textos nos Pais que provavelmente não seriam ditos por um mortalista, e, da mesma forma, a função do mortalista é encontrar textos nos Pais que provavelmente não seriam ditos por um imortalista. (Banzoli [s.a.], pg. 33)



MÓDULO VIII - PESQUISAS SOBRE A MORTE

Após a morte do corpo físico, não existe um tempo intermediário para o espírito estar na eternidade.

Não há existência de antes e depois da morte para o espírito porque, quando o indivíduo morre, sua temporalidade cessa e ele passa a aguardar na eternidade, o tempo de Deus para o Julgamento Final e a vida eterna.

Mas como a ciência entende a morte, se consegue através de máquinas fazer com que o indivíduo viva superficialmente?

E superficialmente, porque não é uma vida que segue por si, mas através de artifícios (máquinas), os quais mantêm o coração batendo e o sangue fluindo pelo corpo.

Devido a isso, o conceito da morte ficou definido pela morte encefálica do indivíduo, quando o cérebro deixa de enviar estímulos para que o corpo possa se comportar como ser vivo.

8.1 O medo de morrer

Muitos sentem terror só de imaginar o cessar destes impulsos do cérebro, passando desta vida para outra.

Outros, por medo do desconhecido, se perguntam: O que virá? Onde ficarei? Como será meu corpo? Sofrerei nesta passagem?

É uma jornada rumo ao desconhecido que traz vários questionamentos e:

Para todas as perguntas que são feitas sobre a morte, não se encontram respostas exatas, causando insegurança e medo. O medo do morrer, entretanto, é essencial à vida. Devido a ele, toma-se cuidado com a saúde, com o corpo e com certos comportamentos que podem levar à morte. (PASA 2013, pg.20)

D'ASSUMPCÃO (2010, pg.101-108) cataloga oito dimensões que o indivíduo atravessa em seu medo da morte:

1. Medo de morrer: essa dimensão lida com a morte concreta abrangendo o modo específico de morrer. Por exemplo: o medo de morrer de câncer.
2. Medo dos mortos: essa dimensão está relacionada com a reação das pessoas diante de animais ou pessoas mortas. Por exemplo: o medo de encontrar um cadáver, ou o horror de ver um animal morto.
3. Medo de ser destruído: percebe-se aqui o medo da destruição do corpo imediatamente após a morte. Por exemplo: medo que estudantes usem o corpo para pesquisas ou o medo de ser submetido à autópsia.
4. Medo da perda de pessoas significativas: esse é o medo do que o sentimento de perda pode causar em si mesmo. Por exemplo: medo de perder o marido, a esposa, filhos, pais...
5. Medo do desconhecido: essa dimensão lida com a questão última da existência e com a dúvida acerca do que virá após a morte. As pessoas definem morte de maneiras diferentes de acordo com suas crenças e cultura, tornando determinante a presença maior ou menor do medo da morte. Por exemplo: medo de que não haja vida após a morte.
6. Medo da morte consciente: esse medo lida com os processos subjacentes à morte e com o temor de se estar consciente nessa hora. Por exemplo: medo de estar consciente e não poder se comunicar no momento da morte.
7. Medo do corpo após a morte: essa dimensão lida com a preocupação da qualidade do corpo após a morte. Por exemplo: medo de que o corpo fique desfigurado.
8. Medo da morte prematura: nesse caso, baseiam-se no elemento temporal da vida e na frustração por não ser possível atingir os objetivos, ou não viver certas experiências antes de morrer. Por exemplo: medo de morrer sem ter realizado os objetivos de vida - formatura, filhos, casamento...

D'ASSUMPÇÃO (2010) relata que uma das questões que leva o horror à morte é o consumismo, uma vez que o medo da morte expressa o consumismo, pois o que tinha de ser, não se levará nada e não se sabe por onde ir.

A morte se opõe ao apego, passando este a ser o detentor do horror de morrer, pois a morte não deixa ninguém ter nada e nem ser dono de nada.

PASA (2013, pg. 15) cita que, nas pesquisas de Kovács, os indivíduos que se envolvem com religiões apresentam um grau menor de medo ao enfrentar a morte e os que mais ou menos seriam religiosos tinham um maior grau de pavor, os ateus ficaram no nível intermediário.

Nos anos 60 do Séc. XX, Kübler e Ross (apud PASA, 2013, pg. 17) declararam que:

[...] a morte se constitui, ainda, num acontecimento de pavor, um medo generalizado, mesmo com as mudanças que ocorreram no decorrer dos séculos. O que mudou foi o jeito do homem de conviver e lidar com a morte, com o morrer e com quem está à beira da morte ou enlutado.

Na década de 60 (séc. XX) iniciou-se o trabalho em pacientes em fase terminal abarcando o sentimento das famílias que sofriam com a morte de um familiar.

Este trabalho incluía espaços para a expressão dos sentimentos dos que ficavam, porém sua primeira informação obtida foi a de que:

[...] praticamente, todas as pessoas portadoras de uma doença em sua fase terminal, ao contrário do que se pensava na época, têm conhecimento de seu mal, mesmo que o médico e familiares nunca lhes tenha falado a tal respeito. Por isso, torna-se evidente que o medo da morte tem relação também com o medo da vida não vivida. É o medo dos muitos débitos que a morte impedirá de saldar. (PASA 2013, p.23)

Isto evidenciou que o medo de morrer está correlacionado com uma vida ainda não toda vivida, com débitos a serem saldados.

8.2 Após a Morte

A relação do indivíduo com o ato de morrer implica em sentimentos diversos como: aceitação, amor, tristeza e saber lidar com a dor.

Toda perda envolve sofrimento, e isso se dá porque existem amor e vínculos de afeto com a pessoa que se perde. Amor é o laço psicológico que vincula uma pessoa a outra por um longo período. Algumas vezes, esse laço pode ser enfraquecido, porém, segundo vários pesquisadores, nunca poderá ser rompido, porque é pela natureza do laço que o rompimento é resistido [...]. (PASA 2013, 24)

Como a morte modifica vários aspectos da existência de quem ficou, o tempo de luto é variável e dependente do sentimento recíproco que antes existia e passou a não mais existir.

A maneira como ocorreu a morte atinge profundamente o luto, e as mortes violentas foram mais difíceis de serem aceitas do que as daqueles que já estavam agonizando.

Mortes repentinas e inesperadas, perdas múltiplas e mortes violentas representam um risco especial para a saúde mental devido ao estresse e ao impacto emocional causados bruscamente. (PASA 2013, pg. 27)

Já quanto ao fato de a morte não ser tão inesperada, a importância do luto na experiência da morte está na possibilidade de o indivíduo adaptar toda sua existência em uma nova direção e, tanto num caso como no outro, é necessário um suporte para que os enlutados retornem à sua vida de uma maneira quase como era antes se houve muito sentimento:

Uma pessoa enlutada reage tanto à perda quanto à privação. O pesar é a reação à perda. A solidão é a reação à privação. A privação significa a falta de tudo o que a pessoa que morreu supria, deixando as pessoas com necessidades de outras pessoas, porque a perda do amado (a) ou de um (a) filho (a) deixa um grande vazio. Parkes afirma que o pesar como reação ao luto terá sua maior intensidade imediatamente após a morte começando depois a diminuir, deixando espaço para a reação à privação. (PASA 2013, pg. 26)

PASA (2013) realizou uma pesquisa com 20 mães enlutadas no período de seis meses a três anos de luto, cujos filhos morreram de forma violenta.

Este grupo de mães é de baixa renda, sem condições para tratamento psicológico ou psiquiátrico e, portanto, o local escolhido foi a Casa Madre Teresa, que presta serviços sociais, jurídicos e psicológicos.

Algumas voluntárias da instituição também quiseram participar e a maior

parte do grupo entrevistado necessita do auxílio para sobreviver e busca ajuda neste local.

Apenas três das mães entrevistadas obtiveram algum acompanhamento psicológico ou psiquiátrico; as demais não procuraram este tipo de ajuda.

Dezesseis das mães necessitam de ajuda social e uma mãe tronou-se moradora de rua após a perda de sua filha de um ano e meio e de seus pais.

As mães que eram católicas (30%) não frequentam a Igreja ou vão ocasionalmente.

Das perdas:

- Uma mãe perdeu os seus três filhos em um acidente de trânsito;
- Outra mãe também perdeu três filhos sendo dois por doença, um em acidente de trânsito e ficou com apenas um único filho;
- Houve mãe que perdeu os dois filhos que tinha, um por doença e outro por acidente de trânsito;
- Quatro mães perderem o único filho que tinham.
- As idades dos jovens que faleceram eram de 16 a 20 anos de idade;
- Uma criança de dois anos morreu por homicídio;
- Por suicídio, constou-se a morte de filhos homens na casa acima dos 20 anos;
- Dois casos foram devido ao uso de drogas e,
- Todas as mães haviam sofrido suas perdas em um período maior que um ano.

Dos sentimentos sofridos:

a) **Mutilação:** um pedaço “da gente que vai” foi unânime entre todas as mães:

A morte do filho gera o sentimento de determinada anormalidade na natureza, suscitando também para as mães, segundo Freitas, um questionamento sobre as suas mais profundas concepções e experiências existenciais, porque “a morte de um filho é de um ser que era puro projeto”. A dor da perda de um filho inclui a dor pela perda de aspectos do próprio ego. (PASA 2013, pg. 87)

Algumas mães deixaram de passear, sair de férias e trabalhar nos primeiros dois anos após a morte do filho.

Após este tempo retornaram algumas atividades e até mesmo participaram de comemorações com o sentimento de pesar e tristeza dentro de si.

b) **Entorpecimento:** algumas mães não tomaram calmante porque ficaram anestesiadas pela dor ou pelo torpor, não “conseguindo se situar”.

Este sentimento de entorpecimento foi algo intenso nas primeiras horas do recebimento da notícia da morte e durante o funeral.

Algumas mães levaram alguns dias para perceber que aquilo que vivenciavam era a realidade e uma se conscientizou do fato no momento que viu o filho na capela.

[...] quando a morte ocorre de forma brusca e inesperada, a potencialidade de desorganização e paralisação é bastante intensa até que a situação seja internalizada através de relatos e lembranças evocadas do ocorrido. É realmente difícil entrar em contato com a verdade quando ela se mostra causadora de intenso sofrimento. Por isso, a pessoa entra na defensiva contra esse sofrimento através da negação que, mais cedo ou mais tarde, acaba sendo desvelada através da falta evidenciada. (Kovács, apud PASA 2013, pg. 88)

c) **Da revolta religiosa culpa e raiva:**

Uma mãe se culpou por não saber o que estava acontecendo, outra até os dias da entrevista não entendia o que tinha acontecido com ela e com o filho, outra mãe relatou que se culpava e sentia raiva por querer respostas pelo fato de o filho ter se matado.

O teólogo espanhol Ortega caracteriza os sentimentos e as reações diante da morte como rebeldia. Para ele, essa rebeldia adquire formas e expressões de acordo com certos momentos e pessoas, porém sempre tem como meta mostrar uma oposição à morte, ou melhor, a determinadas mortes, cujas causas e circunstâncias produzem maior intensidade de sofrimento. (PASA 2013, pg. 88)

Destacou-se neste tema que as mães que tinham fé sentiram menos revolta do que aquelas que não tinham.

Observou-se também que a situação financeira também diferencia as manifestações, pois mães com situação financeira mais elevada levantaram

questionamentos contra Deus e sua fé

É importante destacar que cada mãe manifestou sua dor conforme seu temperamento e forma de lidar com situações difíceis.

Ficou transparente que a definição de morte como sofrimento e ruptura tornaram as mães hostis e nenhuma apresentou a morte como processo natural da vida, sempre a associando com sofrimento e desgraça.

Não houve parecer sobre o fato de a morte ser uma passagem para outra dimensão

A visão da morte como passagem está de acordo com o que significa a palavra Páscoa na fé cristã. Na concepção de Ortega, a morte para o cristão é percebida como uma passagem que implica uma transformação, porém não um fim. Quem tem uma crença religiosa tem a convicção de que, diante de Deus, a morte tem sentido; mais ainda, somente em Deus a morte e todo o seu mistério tem sentido, pois só Deus está acima da morte. (PASA 2013, pg. 95)

Algumas mães entrevistadas procuraram consolo no espiritismo e na teoria da reencarnação e disseram não acreditar em tal hipótese.

A morte foi tratada como inimiga, como o fim do caminho, mas após determinado tempo as mães se sentem distantes fisicamente, mas ligadas espiritualmente ao filho que morreu.

[...] para a mãe que sofre uma perda trágica, é quase impossível perceber algo natural na morte. Essa foi apontada como sofrimento, ruptura, passagem e mudança para outra dimensão. A morte não foi abordada como consequência do pecado ou como castigo. Nesse aspecto, esse pode ser um fator que favoreça a maioria das mães a se sentirem consoladas mediante o pensamento de que os filhos estarão junto de Deus, que é paz e bondade. (PASA 2013, pg. 96)

O grande aliado para auxílio ao enlutado foi a rede de apoio compreendida por amigos, familiares e a Igreja, o que é um alicerce à resiliência.

A pesquisa mostrou que, sem este apoio, as mães teriam vivenciado um luto bem mais complicado, pois se sentiriam sozinhas e até mesmo abandonadas:

O abraço como consolo foi mencionado unanimemente pelas mães enlutadas. O contato físico tem poder de comunicar muitas coisas. Implica comunhão, permite fazer a experiência de romper a couraça dentro da qual a pessoa pode se esconder e se isolar. Ao abraçar, se

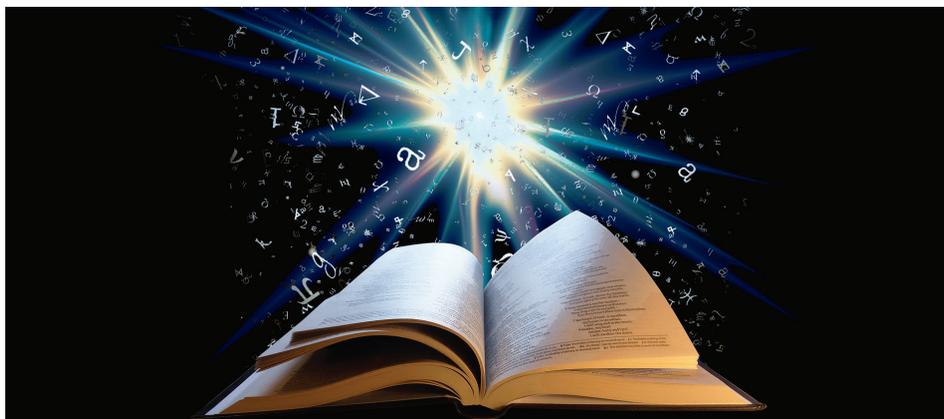
acolhe a fragilidade do outro, permite que ele descarregue fortes emoções. (PASA 2013, pg. 110)

Ao confrontar o fim da vida e o conseqüente sentimento de impotência gerado em quem ficou, é importante a forma de consolo a oferecer, pois quem escuta já passou por algum tipo de luto, sabe como é o sentimento e, para tanto, deve se aproximar da pessoa enlutada como Jesus se aproximou dos discípulos de Emaús e começar a entabular a conversa:

Eis que dois deles viajavam nesse mesmo dia para um povoado chamado Emaús, a sessenta estádios de Jerusalém; 14e conversavam sobre todos esses acontecimentos. 15Ora, enquanto conversavam e discutiam entre si, o próprio Jesus aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles [...]. (Lc 24, 13-15)

Este passo é necessário, pois o aconselhamento pastoral conforta os enlutados tornando seu fardo mais leve.

Este aconselhamento não significa dar conselhos, mas sim viver aquele momento junto da pessoa como um companheiro de caminhada, assim como Jesus o foi, dando suporte e recursos para que a pessoa enlutada tenha um aliado forte com quem possa contar neste momento mais triste da história de sua vida.



MÓDULO IX - O FUTURO UNIVERSAL NAS ESCRITURAS

O destino final do homem não pode ser decifrado por palavras humanas conforme apregoou S. Paulo: “Mas, como está escrito, o que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu, isso Deus preparou para aqueles que o amam.” (1 Cor 2,9)

E quem são estes que Deus ama? São aqueles que respeitam Sua Palavra, Seus Mandamentos e estão prontos a servir a Deus em qualquer circunstância.

Estes alcançariam em palavras humanas a “felicidade eterna”, pois reconheceram e viveram Sua Salvação.

A Palavra afirma a consumação dos tempos e que, consumidos pelo fogo, haverá uma nova terra para os que alcançaram a condição de eternos.

“Com efeito, vou criar novos céus e nova terra; as coisas de outrora não serão lembradas, nem tornarão a vir ao coração.” (Is 65,17)

Também haverá o encontro face a face com Deus: “Sim, da mesma maneira que os novos céus e a nova terra que eu estou para criar subsistirão na minha presença - oráculo de Iahweh - assim subsistirá a vossa descendência e o vosso nome.” (Is 66,22)

Neste novo céu e nova terra será a morada da retidão e da libertação do pecado: “O que nós esperamos, conforme a sua promessa, são novos céus e

nova terra, onde habitará a justiça.” (2 Pedro 3,13)

S. Pedro afirma que este novo lugar é a terra eterna que substituirá o que foi consumido pelo fogo:

Ora, os céus e a terra de agora estão reservados pela mesma Palavra ao fogo, aguardando o dia do Julgamento e da destruição dos homens ímpios [...]. O Dia do Senhor chegará como ladrão e então os céus se desfarão com estrondo, os elementos, devorados pelas chamas, se dissolverão e a terra, juntamente com as suas obras, será consumida. (Pedro 3,7-10)

S. João recebe de Deus a visão esplendorosa de como será a Eternidade:

Vi então um céu novo e uma nova terra - pois o primeiro céu e a primeira terra se foram, e o mar já não existe. Vi também descer do céu, de junto de Deus, a Cidade santa, uma Jerusalém nova, pronta como uma esposa que se enfeitou para seu marido. Nisto ouvi uma voz forte que, do trono, dizia: "Eis a tenda de Deus com os homens. Ele habitará com eles; eles serão o seu povo, e ele, Deus-com-eles, será o seu Deus. Ele enxugará toda lágrima dos seus olhos, pois nunca mais haverá morte, nem luto, nem clamor, e nem dor haverá mais. Sim! As coisas antigas se foram!" (Ap 21,1-4)

Não haverá mais Templo ou Tabernáculo, uma vez que a habitação dos homens será junto a Deus, pois Sua Face estará em todos os novos locais, céu e terra, Deus é Onipresente: “[...] Eis a tenda de Deus com os homens. Ele habitará com eles; eles serão o seu povo, e ele, Deus-com-eles, será o seu Deus.” (Ap 21,3)

Quando S. João descreve que não haverá mais morte, luto e dor, cumpre-se então que: “Se alguém está em Cristo, é nova criatura. Passaram-se as coisas antigas; eis que se fez uma realidade nova.” (2 Cor 5,17)

S. João em sua visão apocalíptica também descreve o que mais não haverá nesta nova terra:

- Não haverá mar (Ap 21,1);
- Não haverá pecadores (Ap 21,8);
- Não haverá nem sol e nem lua, pois a glória de Deus a tudo iluminará (Ap 21,23);
- A Eternidade jamais será contaminada nem pela abominação e nem pela

mentira (Ap 21,27);

- Não haverá maldição (Ap 22,3).

O que haverá na Eternidade será a comunhão total entre Deus e os homens (21,3);

- tudo será novo (Ap 21,5);
- haverá a fonte da água da vida permanentemente (Ap 21,6);
- haverá riquezas dantes nunca vistas (Ap 21,18-21);
- haverá a luz de Deus para tudo iluminar (Ap 22,5);
- haverá Deus todo-poderoso e o Cordeiro como templo; (Ap 21,22);
- haverá a árvore da vida cujos frutos darão mês a mês e suas folhas serão para a saúde da nação. (Ap 22,2)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção deste trabalho foi despertar no homem o caminho para a Eternidade, tornando sua alma imortal.

Para tanto, foram abordados tópicos referentes aos Deuses, a Eternidade, a mortalidade e a imortalidade.

Embasado por autores distintos e confiáveis assim como pela própria Bíblia, discorreu-se, então, sobre o que é necessário para alcançar a Eternidade e a Imortalidade da alma.

Finalizando o livro no Apocalipse de São João, a revelação que este recebeu quando esteve exilado na ilha de Patmos, tem-se a universalidade do destino da humanidade, sentido este que se adquire seguindo os passos de Jesus Cristo, pois a recompensa eterna é para aqueles que calçam as sandálias de Jesus e viva como Ele pede.

Os que ignoram tal estado importante em seus pensamentos, atos e ações seguirão para a condenação eterna.

Torna-se de extrema importância salientar que todo este caminho a seguir pelo homem faz parte do Plano Salvífico de Deus, desde o primeiro pecado cometido pelo primeiro Adão, sendo Jesus Cristo o segundo Adão que ofereceu seu corpo e seu sangue; sua própria vida para a salvação da humanidade.

CONCLUSÃO

A eternidade é inerente ao ser humano, já que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus, que é eterno. Porém, a eternidade de Deus difere da eternidade humana, já que o ser humano é composto de corpo e alma, sendo o corpo físico finito e a alma eterna.

Devemos ter a consciência da eternidade para as nossas almas a partir do momento em que nos espelhamos em Jesus Cristo na nossa conduta de vida. Tais ensinamentos estão presentes na Sagrada Escritura, no Antigo e no Novo Testamento, sendo a Ressurreição de Cristo o maior exemplo da eternidade após a vida terrena.

Não estamos comparando aqui o destino que nossas almas terão após o fim do nosso ciclo físico com a Ressurreição de Jesus, uma vez que Cristo subiu aos céus em seu corpo físico, pois o Filho de Deus, que também é Deus, tem uma natureza diferente da natureza humana.

Mesmo assim, todas as referências à vida eterna feitas na Bíblia foram confirmadas por autores católicos como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, trazendo mais luz ao Cristianismo e orientando seus seguidores sobre um dos temas mais misteriosos da nossa fé.

É certo que outras religiões acreditam na reencarnação da alma após a

morte. Para elas, todas as almas precisam se purificar para atingirem a vida eterna e, por isso, precisam passar várias vezes pela vida terrena. Mas essas teorias vão contra os preceitos bíblicos que indicam que a vida terrena é apenas uma, compondo junto com outras fases a trajetória de uma alma até a vida eterna.

O importante é que, para o Cristianismo, a alma que se separa do corpo segue uma trajetória diferente da defendida, por exemplo, pelos Espíritos. Mas mesmo com todas as comprovações bíblicas sobre a vida eterna, a morte ainda traz muito medo às pessoas.

De acordo com pesquisas científicas desenvolvidas sobre o impacto da morte dos filhos nas mães, constatou-se que o medo da morte parte do sentimento de perda que os vivos sentem com relação àqueles que deixam de viver em nosso meio. E as mesmas pesquisas comprovaram que aquelas mães que acreditavam e praticavam a religião de Jesus Cristo encontravam mais forças para superar a dor da perda e, conseqüentemente, encarar a proximidade da própria morte.

Portanto, a consciência de uma vida eterna depende do exercício constante dos valores cristãos e do conhecimento sobre o que Deus tem reservado para todos os seus filhos. Afinal, a Ressurreição dos Mortos, conforme está descrita no Apocalipse de João, comprova, nas escrituras, o futuro de todas as almas que praticam o bem, conforme ensinado por Jesus Cristo.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, S. O Homem e o Tempo. In: Confissões. 10. ed. Porto: Livraria
- BANZOLI, L. Os Pais da Igreja contra a Imortalidade da Alma, (s.a).
- BÍBLIA DE JERUSALÉM, 5ª Impressão, ISBN 978-85-1977-7, Ed. Paulus, 2008.
- COSTA, R. da. Tempo e Eternidade na Idade Média, Jun-Dez 2010/ISSN 1676-5818, 1981.
- D'ASSUMPCÃO, E. A. Sobre o viver e o morrer: manual de Tanatologia e Biotanatologia para os que partem e os que ficam, S. P. Vozes, 2010.
- PASA, F. M. L. Dissertação de Mestrado: Eles partiram cedo”: Morte, luto e resiliência diante da fé cristã, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de teologia, Programa de pós-graduação em teologia, Mestrado em teologia sistemática, 2013.